

P E S Q U I S A S E E S T U D O S

A ARQUEOLOGIA E SEUS "AMADORES"

G. Cristian Collet-SBE

Um estudo recente na Europa, junto aos dados mais preciosos e completos que temos da França, indicam que numa esmagadora maioria dos casos, a Arqueologia de Campo, ou seja, a Pesquisa no duro, é executada por amadores.

Isto explica-se, no caso específico citado, pelo fato de existirem infinidade de vestígios do passado e pouquíssimos especialistas diplomados no assunto, e esses doutores pertencem a grandes Universidades (Paris, Lyon, Strasboug, etc.), dedicando quase a totalidade de seu tempo ao estudo e a trabalhos no exterior.

As tarefas de escavações ou pesquisas de campo estão obrigatoriamente confiadas, sob supervisão, aos chamados "Amadores" que, conforme definição do dicionário, quer dizer "Alguém que tem um gosto pronunciado, uma paixão por alguma coisa", no caso, pelos vestígios pré-históricos e históricos.

O "Amador" é aquele que por gosto e não por necessidade, se dedica a um assunto determinado, e não sendo por obrigação, o faz com amor e dedicação.

Esse Amador, na Europa é orientado, esclarecido, ensinado pelos especialistas e não temido ou considerado o inimigo, o devastador.

Negar essa colaboração franca e planejada, seria no, caso da França, a paralização de mais de 90% das pesquisas em curso, tanto na Arqueologia clássica, como na Arqueologia pré-histórica.

Os responsáveis nesses países, por sorte e também por necessidade, reconhecem a boa vontade gratuita dos voluntários e A. GRENIER, catedrático do COLLÈGE DE FRANCE na cadeira D'ARQUEOLOGIA et D'HISTOIRE DE GAULE, gostava de dizer que essa ARQUEOLOGIA DE AMADORES era "O FERMENTO E A HONRA DA ARQUEOLOGIA FRANCESA".

Porém, não se deve confundir AMADOR ESCLARECIDO com CURIOSO; o primeiro tem bases científicas, orientação preliminar, técnica, apoio oficial e sabe como proceder, ou se não sabe, recorre a quem o sabe.

O CURIOSO é aquele que também por gosto, faz sem orientação, uma escavação (às vezes feliz) porém sem as devidas anotações sem precauções desordenadamente destruindo irremediavelmente informações valiosíssimas, às vezes únicas, estragando mais material arqueológico do que retira.

Porém, o CURIOSO é um amador em potencial; só lhe faltam as bases adequadas de como proceder, quem avisar e como preservar uma relíquia em perigo.

Inicialmente deveria se ensinar nas escolas e Universidades, que existem vestígios do passado e que eles pertencem à Nação, ao Patrimônio histórico do País, que são coisa raras e preciosas para a ciência e que não se deveria mexer nelas, destruí-las, utilizá-las ou negociá-las e quando um achado fortuito acontecer, saber da sua responsabilidade para com esse material.

Essas advertências deveriam ser conhecidas até nos centros urbanos mais remotos do interior, onde em geral aparecem esses vestígios.

Para isso também as Universidades deveriam dispor de pessoal de nível médio para a preparação do AMADOR (escolas práticas de pesquisas e transformação em colaboradores).

As autoridades e responsáveis pela arqueologia deveriam criar um clima favorável à pesquisa, graças a uma opinião pública melhor informada, à uma administração esclarecida, mais aberta, mais compreensiva, atenta às descobertas e achados.

A Sociedade Brasileira de Espeleologia, nesse sentido, pode ajudar e colaborar como já faz há 4 anos, freqüentando cursos e CAMPOS ESCOLA de treinamento de pesquisas arqueológicas, com professores de Universidades, a fim de fornecer essas raridades que são estes "ENTUSIASTAS AMADORES RESPONSÁVEIS" com condições de salvar nosso patrimônio arqueológico.

A SBE recolhe informações sobre sítios pré-históricos, anota localização de paredões rochosos cobertos de pintura rupestres ou gravuras, a fim de fornecer aos especialistas dados certos que poupam um tempo precioso.

POSSIBILIDADES ESPELEOLÓGICAS NA REGIÃO DE "INTERVALES", SP

Cecília Torres-CEU

— Primeiros Passos

De inoculação francesa e longa e persistente incubação brasileira, subitamente acelerada por um entusiasmo universitário, eis a diferenciação do grupo de espeleologia de São Paulo, determinado a enfrentar as dificuldades de trabalho e a se afirmar em caráter permanente como sociedade de estudo.